

## 4 A Guerra do Golfo

### 4.1 Introdução

A Guerra do Golfo foi um ponto de inflexão na estratégia americana para o *coração energético mundial*. Pela primeira vez, os EUA participaram diretamente em um conflito armado no Golfo, enviando para o deserto 400 tropas armadas, aviões e frotas navais para combater Saddam Hussein. As origens da Guerra do Golfo remontavam ao conflito anterior: a Guerra Irã-Iraque (1980-1988). A ajuda financeira recebida pelo Iraque dos países árabes do Golfo Pérsico, assim como os armamentos e tecnologias do Ocidente destinados a dissuadir o Irã, ofereceram a Saddam Hussein uma poderosa força de guerra. A crise econômica que o Iraque passava no pós-guerra e as disputas de fronteira com o Kuwait foram os duas principais razões para motivar a invasão do Iraque contra o território do Kuwait em 1990.

Mais uma vez, a importância geopolítica do *coração energético mundial* determinou a participação dos EUA na Guerra do Golfo. A invasão do Kuwait e a ameaça de invasão da Arábia Saudita pelo Iraque representavam um forte golpe nos interesses americanos para a região. Se o Iraque realmente conseguisse anexar ao seu território o Kuwait e a Arábia Saudita, ele deteria metade das reservas de petróleo mundiais, exercendo um grande poder de monopólio sobre a principal fonte de abastecimento energético das economias industrializadas do Ocidente. Como o poderio bélico iraquiano era o mais poderoso da região, facilmente Saddam Hussein conseguiria suplantaria a força militar dos Estados vizinhos. Desta forma, os EUA acreditaram que somente uma força externa seria capaz de conter o avanço do Iraque.

Um dos *interesses nacionais vitais* dos EUA era garantir que nenhum Estado da região do Golfo Pérsico se tornasse uma potência regional. Uma liderança no Golfo conseguiria um poder de monopólio sobre as abundantes reservas de petróleo da região, prejudicando o suprimento energético ocidental. Para impedir a ascensão do Iraque como uma potência regional, a administração Bush utilizou a estratégia do *pluralismo geopolítico*. Esta estratégia geopolítica foi apresentada no capítulo 1 e determinava que os EUA deveriam intervir sempre

que necessário para equilibrar a balança de poder no Golfo Pérsico, impedindo a formação de um hegemon regional. O *pluralismo geopolítico* previa a utilização da diplomacia, do embargo econômico e até da força militar para atingir seus objetivos.

Seguindo esta estratégia, os EUA transformaram seu aliado no conflito anterior do Golfo, em seu maior inimigo. O Iraque de Saddam Hussein que lutou contra o Irã com a ajuda americana, da URSS e de outros países do Ocidente, teria seus planos de expansão territorial frustrados pelos mesmos Estados que na guerra anterior o apoiaram. Pela primeira vez na história, EUA e a antiga URSS se uniram em uma força de coalizão da ONU com um objetivo comum: retirar as forças iraquianas do território do Kuwait e destruir o poderio bélico de Saddam Hussein.

## **4.2 A Dívida de Guerra do Iraque, o Kuwait e o Coração Energético Mundial**

A invasão do Iraque ao território kuwaitiano, em 1990, foi diretamente vinculada à Guerra Irã-Iraque (1980-1988). Entre as principais causas da Guerra do Golfo, ao menos três destas eram conseqüências da guerra anterior da região. A crise da economia iraquiana após oito anos de batalha; a elevada dívida de guerra iraquiana com os países do Golfo Pérsico, em especial com o Kuwait e a Arábia Saudita; e, o desenvolvimento da indústria de guerra iraquiana, fomentada principalmente pelos armamentos da França e da URSS; todos estes eventos foram motivadores para a decisão iraquiana de se aventurar em uma nova guerra, apenas dois anos após o fim do conflito contra o Irã.

O Kuwait participou da Guerra Irã-Iraque buscando atender seus próprios interesses de sobrevivência numa região tão conturbada. Assim como os demais Estados do Golfo Pérsico, o Kuwait temia uma expansão da Revolução Islâmica do Irã em seu território. No entanto, a participação do Kuwait na Guerra Irã-Iraque foi determinada mais por medo do Iraque de Saddam Hussein do que pelo medo do Irã do Aiatolá Khomeini. Ao contrário de outros Estados do Golfo Pérsico, o Kuwait era extremamente ameaçado pelo Iraque. A história de formação do Estado kuwaitiano, a pequena extensão territorial, a contigüidade territorial com o Iraque e principalmente, a sua riqueza em fontes petrolíferas,

tornava o Kuwait um alvo preferencial para as ambições imperialistas de Saddam Hussein. (AJAMI, 1988/89, p. 154)

O apoio do Kuwait durante a Guerra Irã-Iraque foi uma decisão mais defensiva que ideológica. Depois de duas tentativas de invasão do território kuwaitiano pelo Iraque, em junho de 1961 e em março de 1973, o Kuwait pretendia com a ajuda financeira, manter o Iraque o mais longe possível do seu território:

*"Kuwait pagou ao Iraque o que tinha que pagar para evitar problemas, mas, principalmente os chefes do Kuwait conheciam sua história e o seu vizinho, Iraque. Duas vezes nas últimas três décadas, o Iraque atacou o Kuwait (em junho de 1961 e em março de 1973). As duas ilhas kuwaitianas, Warbah e Bubiyan, tinham sido reivindicadas pelo Iraque. O subsídio dado pelo esforço de guerra iraquiano foi em parte extorsão, em parte convicção". (Op.Cit.)*

O Golfo Pérsico detinha mais da metade das reservas petrolíferas mundiais, e deste modo, tanto Irã como Iraque utilizaram os elevados lucros da venda do recurso energético para adquirirem armamentos. Durante a guerra, os outros Estados do Golfo Pérsico também emprestaram dinheiro oriundo do petróleo para os Estados beligerantes. Com o fim do conflito, o Iraque possuía uma dívida de guerra de US\$70 bilhões (Op.Cit), sendo que a maior parte desta dívida foi adquirida com o Kuwait e com a Arábia Saudita. Estes dois Estados do Golfo puderam transferir recursos para o Iraque através dos lucros obtidos com a venda do petróleo. (KLARE, 2002, p.54-55) Estes dados indicavam que o grande patrocinador da Guerra Irã-Iraque foi o petróleo, ou mais precisamente, o petróleo do *coração energético mundial*. Deste modo, a presença geográfica do petróleo no território do Golfo Pérsico, seria um dos fatores que contribuiria para a eclosão de conflitos na região. "A presença de reservas de petróleo em larga escala no Golfo aumentou a motivação e a intensidade potencial de um conflito interestatal, uma vez que ofereceu as nações da região uma forma de adquirir grande quantidade de armas modernas". (Op.Cit., p.52)

No entanto, com fim do conflito contra o Irã, os subsídios concedidos pelos países árabes e o crédito dos países ocidentais para o Iraque, chegaram ao fim. Saddam Hussein não tinha mais como conseguir o financiamento dos Estados vizinhos, e depois de oito anos de guerra, a crise econômica era inevitável. O Iraque pretendia recuperar sua economia e sanar suas dívidas de guerra provocando um aumento no preço do petróleo da OPEP, porém devido aos altos

níveis de produção dos demais Estados árabes, se tornou muito difícil aumentar os preços da única mercadoria exportável do Iraque. (Quandt, 1990/91, p. 52) O Kuwait, em particular, contribuiu para frustrar os planos de Saddam Hussein ao exceder sua cota de produção de petróleo estipulada pela OPEP, ocasionando uma queda ainda maior nos preços de petróleo do mercado internacional. “Para tornar as coisas piores, o Kuwait excedeu a sua quota estipulada pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo que diminuiu os preços do petróleo e reduziu os lucros do Iraque”. (MEARSHEIMER & WALT, 2003)

Além disso, no período pós-guerra Irã-Iraque, o Kuwait aproveitando-se da fragilidade do Iraque começou a retirar mais petróleo do que lhe caberia do campo petrolífero compartilhado de Rumailah. "Bagdá declarou que os kuwaitianos estavam extraíndo mais do que a sua parte do campo de petróleo compartilhado de Rumailah, desta forma, eles estariam impedindo a sua (Iraque) recuperação da Guerra Irã-Iraque de 1980-88". (KLARE, 2002, p. 22)

Saddam Hussein também reivindicou o apoio da OPEP e dos países árabes para se reerguer economicamente no pós-guerra, "Saddam acreditava que o Iraque merecia uma ajuda adicional porque o país ajudou a proteger o Kuwait e os outros Estados do Golfo do expansionismo iraniano". (MEARSHEIMER & WALT, 2003) Todavia, ficou claro que com o fim da guerra, os demais Estados do *coração energético mundial* não estavam mais dispostos a enviar parte de sua renda oriunda da riqueza em fontes de petróleo, para o Iraque. Com o enfraquecimento do Irã e a morte do Aiatolá Khomeini em 1989, os Estados do Golfo Pérsico não pretendiam mais continuar patrocinando Saddam Hussein e seu projeto de militarização.

Contudo, Saddam Hussein continuou fazendo reivindicações aos Estados vizinhos afirmando que havia prestado um serviço a todos os Estados árabes ao lutar contra o Irã. Na Liga Árabe, em Maio de 1990, Saddam Hussein fez saber as suas demandas, primeiro ele queria que suas dívidas com a Arábia Saudita e com o Kuwait (os dois maiores credores da Guerra Irã-Iraque no Golfo Pérsico) fossem perdoadas, e exigiu uma ajuda adicional do Kuwait de US\$10 bilhões. (Op.Cit.) Ele insistia para que a OPEP elevasse os preços internacionais do petróleo para US\$25 p/b. Finalmente, Saddam Hussein reivindicou que o Kuwait aceitasse a anexação pelo Iraque de duas ilhas que controlavam o acesso ao porto iraquiano de Umm Qasr, assim como requeria o pagamento kuwaitiano de US\$ 2,4 bilhões,

como indenização do petróleo retirado injustamente do campo petrolífero de Rumailah. (Quandt, 1990/91, p. 52)

As exigências de Saddam Hussein não encontraram respostas positivas junto aos países do Golfo Pérsico. Com relação ao Kuwait, Inari Rautsi destacou que os kuwaitianos “suspeitavam que algumas concessões poderiam ser necessárias, mas estavam determinados a reduzi-las ao mínimo”.<sup>32</sup> Ainda que sem a ajuda direta dos Estados do Golfo, segundo William Quandt (1990/91, p. 52), o Iraque poderia ter equilibrado as pressões econômicas no pós-guerra através da diminuição no orçamento do programa militar iraquiano e com uma pressão junto a OPEP para que ela interrompesse parte da produção petrolífera, e forçasse os preços do petróleo a subir. Com tais medidas, o Iraque poderia ter quitado seus débitos com os credores ocidentais e gradualmente colocado sua economia de volta a normalidade. Apesar do Iraque ter tentado pressionar a OPEP e os demais países árabes, diminuir o orçamento militar estava "fora de questão" para a política expansionista de Saddam Hussein.

### **4.3. A invasão**

#### **4.3.1. O mundo como sistema político fechado e o declínio da URSS**

O conceito de *mundo como sistema político fechado* asseverava que qualquer evento que ocorresse em uma determinada região do globo teria repercussões em todo o sistema internacional. Mackinder afirmou que mesmo uma crise num distante rincão do mundo alteraria o equilíbrio das demais regiões do globo, devido à sua capacidade de expansão. Desta forma, a queda da URSS, uma das superpotências da Guerra Fria, iria repercutir em todo o sistema internacional, inclusive na região do Oriente Médio. Porém, devido à especificidade desta região, o fim da URSS iria interferir de forma diferente de como havia interferido nas demais regiões.

A queda do regime da URSS em 1991 promoveu importantes mudanças na região do Oriente Médio. O declínio do bloco soviético alterou a balança de poder da região. Segundo Barry Rubin, a mudança no equilíbrio de poder do Oriente Médio poderia ser representada da seguinte maneira: "em 1980 parecia plausível

---

<sup>32</sup> Inari Rautsi foi biógrafo de Saddam Hussein. MEARSHEIMER & WALT, 2003.

que a União Soviética pudesse invadir um Irã desintegrado; em 1990 seria possível que o Irã invadisse alguma parte da desmembrada URSS". (RUBIN, 1990, p. 131)

Para a Síria, Líbia, e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), as mudanças significavam a defecção do seu mais importante aliado. Durante o período de Guerra Fria, estes Estados contaram com a ajuda da URSS que forneceu armas e crédito, possibilitando um não alinhamento destes Estados com os EUA. Com o fim da URSS era o fim do chamado "*front* rejeicionista", <sup>33</sup> a partir deste momento, "os poderes radicais \_ Síria, Iraque, Irã, Líbia e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) \_ se encontravam sem o patrocínio de um superpoder". (INDYK, 1991/92, p. 70)

Para o Iraque, o declínio da URSS também significou a perda de um importante aliado. A URSS mantinha relações de amizade com o Iraque de Saddam Hussein. A União Soviética forneceu armas e munição ao Iraque, ajudando-o a se manter no conflito contra o Irã. Além disso, a URSS era vista pelos árabes como um fator que contrabalançava o poder americano na região. Com o fim da URSS, os EUA assumiriam uma liderança incontestável no Oriente Médio. (Op.Cit.)

Saddam Hussein, porém, questionava a liderança americana na região. Em fevereiro de 1990, numa reunião em Amman com os líderes árabes, ele argumentou que "as décadas de Guerra Fria tinham assegurado aos árabes o apoio soviético contra o imperialismo ocidental e contra o Estado sionista expansionista", porém, este cenário havia se transformado radicalmente com o enfraquecimento da URSS. (QUANDT, 1990/91, p. 50) Saddam Hussein declarou que a manutenção da posição de liderança americana no Oriente Médio por mais cinco anos, possibilitaria tempo suficiente para os EUA usarem seu poder contra os soviéticos, forçando-os a fazer "um êxodo sem precedentes de judeus soviéticos para o território palestino". (Op.Cit)

De fato, Moscou reviu sua política de emigração junto a Israel e permitiu que centenas de milhares de judeus soviéticos fossem para Israel. Além disso, Israel ganhou com o desmembramento da União Soviética, uma vez que pôde

---

<sup>33</sup> Segundo Martin Indyk (1991/92, p. 70), os Estados que se opunham à liderança americana na região do Oriente Médio eram chamados de "*front* rejeicionista". Eram eles: Síria, Iraque, Irã, Líbia e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

estabelecer relações diplomáticas e comerciais com os países do Leste Europeu. (Rubin, 1990, p. 141) A perda do apoio da URSS e do Leste Europeu aos Estados árabes e o influxo contínuo de judeus soviéticos para Israel geraram apreensão em todo o mundo árabe. Os jornais e líderes árabes afirmavam que estes emigrantes estariam se deslocando para os territórios ocupados por Israel, mas pertencentes à Palestina, e, realmente, uma parte desta população emigrante instalou-se em territórios ocupados. O Presidente da OLP, Yasser Arafat, chegou a falar em um número de 3,5 milhões de judeus que já estariam em território palestino e declarou que este influxo populacional seria usado por Israel para conquistar o que restava do mundo árabe. (Op.Cit.)

A instabilidade provocada no Oriente Médio pelo colapso da União Soviética obrigou os EUA a repensarem sua participação junto aos Estados da região. Ao contrário de outras regiões do mundo onde ocorreram conflitos durante a Guerra Fria como a América Latina (Cuba e Nicarágua), África (Etiópia e Angola), e Ásia (Vietnã, Camboja e Coreia do Norte), a instabilidade e os conflitos do Oriente Médio não foram orientados pela ideologia Marxista-Leninista. (Rubin, 1991, 142) Distintamente das demais regiões do globo, que sem a ajuda da URSS provavelmente não causariam mais problemas para a liderança americana, o Oriente Médio sempre foi independente dos dois superpoderes mundiais, possuindo "agenda, doutrina e dinheiro próprios". Como Stephen Ambrose evidenciou no trecho que segue:

*"Os Turcos, Árabes, Iranianos, Judeus, e outros que vivem nesta região (Oriente Médio) têm tentado, com considerável sucesso, colocar um lado contra o outro, mas essencialmente a Guerra Fria é irrelevante para eles. Eles tiraram vantagem da obsessão que americanos e russos têm um com o outro, mas eles nunca sentiram que o Comunismo versus anti-Comunismo era problema deles, ou que isto de alguma forma definiria as suas escolhas". (AMBROSE, 1993, p. 254)*

Desta forma, mesmo que os EUA estivessem interessados em se manter longe de assuntos externos no pós Guerra Fria, a região do Oriente Médio ainda requisitaria atenção. Washington provavelmente teria que se preocupar mais com esta região do que com qualquer outra região do mundo, pelo fato das crises nesta região não serem decorrentes da lógica bipolar, e sim, motivadas por causas próprias e independentes. Apesar do declínio da URSS ter significado a perda do patrocínio soviético, estes Estados não ficariam sem financiamento. Os Estados do

Golfo possuíam sua própria fonte de financiamento: as reservas abundantes de petróleo.

O Iraque, em particular, continuou investindo em armamentos, "Bagdá tem mantido seu exército gigantesco e continua desenvolvendo seu programa nuclear e de armas químicas e biológicas". (Rubin, 1990, p. 139) Apesar da queda soviética, o Iraque, assim como os demais Estados do *coração energético mundial*, tinham ainda as fontes petrolíferas para assegurar a continuidade da militarização dos seus territórios. Barry Rubin (Op.Cit.) se referindo ao Iraque asseverou: "*a retirada do apoio soviético (...) teve muito menos efeitos naqueles (Estados) que possuíam sua própria base de recursos*". Isto demonstrava que nem a catastrófica guerra de oito anos contra o Irã, nem a queda de um de seus maiores aliados iria demover Saddam Hussein de seu projeto da Grande Arábia.

A determinação geográfica foi a responsável pela manutenção da militarização do Iraque, uma vez que foram os recursos oriundos das abundantes reservas petrolíferas da região do Golfo Pérsico que patrocinaram a continuidade na compra de armamentos. Devido às características geográficas da região do Golfo, não era surpresa que o primeiro conflito depois da Guerra Fria acontecesse nesta região.

Em 1º de Agosto de 1990, tropas iraquianas invadiram o Kuwait. Não foi ocasional o fato do Golfo Pérsico ter abrigado a primeira guerra depois do fim da Guerra Fria. Segundo Stephen Ambrose (1993, p. 382):

*"Esta crise internacional veio de uma parte do mundo que não era nem comunista nem capitalista, mas feudal, uma parte do mundo que não pertence a nenhum dos três super blocos, mas que é de crítica importância para os Estados industrializados da Europa, do Pacífico, e dos EUA"*.

#### **4.3.2.**

#### **A opção americana para o Golfo: o pluralismo geopolítico**

Segundo Martin Indyk (1991/92, p.71), a Guerra do Golfo foi o produto de erros de cálculo de todas as partes diretamente envolvidas no conflito. Em primeiro lugar foi um erro do Kuwait e dos aliados árabes americanos terem ajudado Saddam Hussein durante a Guerra Irã-Iraque. Eles não imaginaram que todo o poderio bélico que o Iraque estava adquirindo com a ajuda destes Estados, poderia ser utilizado posteriormente contra eles próprios. O segundo erro de cálculo foi dos EUA que deveriam ter compreendido que a guerra contra o Irã



promoveria um desequilíbrio de poder na região. A perda de territórios estratégicos iraquianos para o Irã e a crise econômica do Iraque pós-guerra eram fatores que desequilibravam a estabilidade da região, principalmente no caso de um Estado altamente militarizado como o Iraque. Deste modo, Indyk explicou que os EUA deveriam ter modificado sua estratégia com relação ao Iraque de acomodação para contenção, evitando uma possível invasão iraquiana a um de seus vizinhos do Golfo.

De fato, a política americana para o Iraque antes da Guerra do Golfo era de acomodação e de apoio ao governo de Saddam Hussein. EUA e URSS apoiaram o Iraque durante a guerra contra o Irã (1980-1988). O Iraque comprou tanques construídos na URSS e tecnologia americana para o desenvolvimento de armas de destruição em massa. Mesmo depois do conflito contra o Irã, os EUA continuaram ajudando o Iraque. Durante a administração Bush foram enviados US\$ 5,5 bilhões para Saddam Hussein em empréstimos (AMBROSE, 1993, p. 382), que segundo Stephen Ambrose, foram utilizados para acelerar o programa de desenvolvimento da bomba nuclear iraquiana. No início de 1990, ainda com o propósito de dissuadir o Irã, a política externa americana apoiou o desenvolvimento das forças armadas iraquianas: *"tão próximos estavam o Iraque e os EUA em julho de 1990 que já estavam sendo planejados exercícios coletivos envolvendo ambos os exércitos para o final do ano"*. (Op. Cit.)

A relação entre a administração Bush e o Iraque estavam tão boas que o embaixador americano April Glaspie chegou a declarar a Saddam Hussein que com relação à disputa de fronteiras e de campos petrolíferos entre Iraque e o Kuwait, os EUA não iriam tomar nenhuma posição: “nós não temos nenhuma opinião acerca dos conflitos árabes, como o seu desacordo com relação à fronteira com o Kuwait”.<sup>34</sup> Diante deste cenário, Saddam Hussein não imaginou que fosse encontrar resistência por parte dos EUA à invasão no Kuwait, o Departamento de Estado dos EUA chegou a declarar a Saddam que Washington “não tem nenhuma defesa ou compromisso de segurança com o Kuwait”. (MEARSHEIMER & WALT, 2003) Deste modo, Saddam Hussein acreditou que aquele era um momento oportuno para iniciar o conflito. Segundo Mearsheimer e Walt, “os Estados Unidos podem não ter pretendido dar ao Iraque um cartão verde, mas isso foi exatamente o que ele fez”. (Op.Cit)

Desta forma, o terceiro erro de cálculo foi do próprio Saddam Hussein que se antecipou na invasão ao Kuwait. O Iraque tinha um programa de armas nucleares sofisticado, se Saddam Hussein tivesse esperado mais um ou dois anos poderia ter iniciado à invasão ao Kuwait com armas muito mais poderosas, "é incrível que ele (Saddam Hussein) não tenha esperado meros 18 meses, se tanto, até que tivesse adquirido um artefato nuclear, antes de embarcar em sua aventura no Kuwait". (INDYK, 1991/92, p.71)

Assim em agosto de 1990, as tropas iraquianas invadiram o Kuwait e Saddam Hussein anunciou a anexação do território kuwaitiano. O exército iraquiano no Kuwait era do número de centenas de milhares e possuía mais de 5000 tanques. (AMBROSE, 1993, p.381) O deslocamento de tropas militares iraquianas para a fronteira com a Arábia Saudita motivou o início de uma ação militar por parte dos EUA. De posse do exército mais poderoso da região do Golfo Pérsico seria fácil para o Iraque tomar a Arábia Saudita, uma vez que a força saudita era tão pequena que mais se assemelhava a uma força de polícia do que a um exército. (Op.Cit) Caso o Iraque conseguisse anexar a Arábia Saudita e o Kuwait, ele se tornaria uma liderança regional e controlaria 50% das reservas mundiais de petróleo. Os EUA, porém, procuravam impedir a emergência de um hegemon local na região do Golfo Pérsico garantindo a manutenção do seu *interesse nacional vital*. O monopólio da principal fonte de abastecimento petrolífero mundial por uma só potência regional, deveria ser evitado a qualquer custo. Se os planos de Saddam Hussein lograssem êxito, o Iraque se tornaria um hegemon local, desafiando a liderança dos EUA na região.

Com o fim da Guerra Fria, as estratégias americanas se modificaram. Durante 40 anos, os EUA tinham como principal objetivo criar uma estratégia para manter um sistema de alianças que pudesse conter e dissuadir o poderio soviético. Com o fim da URSS, a estratégica geopolítica de formar alianças se tornou menos importante e outros objetivos surgiram como prioridade. Segundo Michael Klare, "nenhum destes objetivos teve tão profunda influência na política militar americana como a determinação em garantir o acesso ao suprimento de recursos vitais externos". (KLARE, 2002, p. 6) Com o contínuo crescimento da economia americana e a crescente dependência da indústria em fontes de

---

<sup>34</sup> April Glaspie, Apud. MEARSHEIMER & WALT, 2003.

abastecimento energético importadas, a proteção dos recursos petrolíferos do Golfo Pérsico se tornou um *interesse nacional vital* dos EUA.

Como explicado no capítulo 1, um dos *interesses nacionais vitais* dos EUA era impedir a emergência de um hegemon local na região do Golfo Pérsico. A invasão iraquiana ameaçou este interesse americano. Para garantir o papel preponderante dos EUA era necessário manter as fontes de petróleo do Golfo Pérsico divididas entre ao menos quatro Estados regionais, impedindo que um único Estado controlasse grande parte das reservas petrolíferas mundiais. Assim, com o objetivo de impedir que o Iraque se tornasse um hegemon regional, os EUA enviaram para o Golfo a maior força expedicionária desde o Vietnã.

A invasão iraquiana ao Kuwait ocasionou a modificação da política americana para o Golfo. A partir daquele momento, os EUA romperam as relações de amizade com o Iraque e organizaram uma coalizão militar contra Saddam Hussein, seu mais novo inimigo.

*"Ao mesmo tempo, uma nova política americana tinha emergido no Oriente Médio relacionada com diferentes objetivos. Seu principal propósito era prevenir a emergência de uma hegemonia regional \_ de que um único poder regional pudesse dominar a área, e, portanto estabelecer o controle monopolista do petróleo do oriente Médio". (LEWIS, 1992, p. 111)*

#### **4.3.3. Bush e Saddam Hussein**

Devido à invasão iraquiana no Kuwait em 1º de Agosto de 1990, o Conselho de Segurança da ONU, atendendo aos pedidos do Kuwait e da delegação americana, passou a Resolução 660 que condenava a invasão e determinava a completa retirada das tropas iraquianas do território do kuwaitiano. A Liga Árabe se reuniu em 3 de Agosto e através de uma Resolução determinou a solução imediata do conflito dentro da Liga, evitando uma intervenção estrangeira, o Iraque deveria se retirar do território kuwaitiano imediatamente. Em 6 de agosto, o Conselho de Segurança passou a Resolução 661 onde ficou decidido que sanções seriam impostas contra o Iraque, incluindo o embargo do petróleo iraquiano e kuwaitiano.

Neste ínterim, o Secretário de Estado, Baker e, o Secretário de Defesa, Cheney, se encontraram com o Rei Fahd e o convenceram que a Arábia Saudita estaria ameaçada pelas forças do Iraque. Deste modo, o Rei saudita permitiu que

os EUA enviassem um grande número de tropas para o seu reino. "Em 7 de agosto, as tropas americanas, uma brigada armada e aviões de guerra estavam a caminho da Arábia Saudita para iniciarem a Operação Tempestade do Deserto" (AMBROSE, 1993, p. 383), esta operação contou com as forças do Egito, Marrocos e Síria, além do apoio do Conselho de Segurança da ONU.

Como foi discutida anteriormente, a decisão americana de impedir a operação iraquiana, tinha como um dos principais objetivos evitar a invasão da Arábia Saudita. A rápida anexação do Kuwait permitiu que as forças iraquianas chegassem até bem perto dos poços de petróleo de Hama, a base petrolífera mais valiosa da Arábia Saudita. O controle das reservas de petróleo do Kuwait, da Arábia Saudita, mais as suas próprias reservas, daria ao Iraque um poder de monopólio sem precedentes, ameaçando o *interesse nacional vital* dos EUA na região do Golfo Pérsico. Ainda que a Arábia Saudita apresentasse uma resistência maior à força iraquiana do que o Kuwait, os EUA sabiam que o poder bélico do Iraque era o mais forte da região e poderia se impor facilmente sobre a força saudita. Deste modo, a participação militar dos EUA na crise do Golfo se tornou a única forma de garantir os interesses americanos na região.

Uma semana após a invasão do Iraque, o Presidente Bush anunciou os princípios segundo os quais ele guiaria a Operação Tempestade do Deserto. No seu programa de quatro pontos, ele declarou que qualquer agressão por parte do Iraque seria punida. O primeiro ponto seria "a imediata, incondicional e completa retirada de todas as forças do Kuwait"; segundo, a restauração do "governo legítimo do Kuwait"; terceiro, "a segurança e estabilidade do Golfo Pérsico" seriam garantidas pelos EUA, o que significava dizer que Saddam Hussein deveria ser desarmado; e quarto, proteger as vidas dos cidadãos americanos que estão em países estrangeiros, ou seja, os reféns do Kuwait. (Op.Cit., p.385)

Segundo Stephen Ambrose (1993, p. 386), Bush manteve durante os seis meses seguintes à mesma posição defendida no seu programa de quatro pontos. Neste período, ele enfrentou períodos de crise e de aprovação no seu governo. Apesar das sanções estarem cada vez mais efetivas com o tempo, Bush temia que Saddam Hussein repassasse as perdas indefinidamente para a população iraquiana, culpando os EUA pelos 'sacrifícios da nação'. Além das sanções e do embargo econômico não terem dissuadido Saddam Hussein a retirar suas forças do Kuwait, Bush estava preocupado porque sabia que não poderia manter uma tropa de 250

mil homens no deserto, especialmente para defender Reis árabes milionários. (Op.Cit.)

Depois da Guerra Fria, se tornou muito difícil para os Presidentes dos EUA justificarem o envio e a manutenção de tropas americanas fora do país. A ameaça soviética apresentou uma justificativa poderosa para a manutenção de tropas americanas em outros países, e eventualmente, o envolvimento destas tropas em um conflito. Com o fim da URSS, porém, o público americano achava que as justificativas apresentadas para o envio de tropas para fora do país não eram plausíveis, ou eram fruto de uma lógica espúria, ou simplesmente não valiam o risco. (MANDELBAUM, 1990/91, p.14)

*"Na falta da ameaça soviética, a administração Bush tentava encontrar uma justificativa pública para a presença militar no Golfo Pérsico. Este Presidente e seus sucessores poderiam encontrar dificuldades comparáveis em persuadir o público para continuar apoiando uma presença militar americana no exterior". (Op.Cit.)*

Deste modo, conseguir manter o apoio do público americano para a ação no Golfo Pérsico se tornou uma das maiores preocupações da administração Bush. Segundo Michael Mandelbaum era necessário que a administração do Presidente tivesse visão: "a capacidade de pintar um vívido e convincente quadro de um novo mundo e colocar os interesses americanos nele". (Op.Cit.) Neste 'novo mundo' pós-queda da URSS, a política americana poderia deixar as questões de segurança um pouco de lado, e se voltar cada vez mais para as questões econômicas. Deste modo, o envio e a manutenção de tropas no exterior seriam motivados, a partir de então, por questões econômicas.

A administração Bush definiu uma série de razões para justificar a participação americana no conflito do Golfo Pérsico. A primeira justificativa foi acerca da importância do petróleo para a economia americana e as relações de amizade com a Arábia Saudita. Nesse sentido, a administração Bush procurou demonstrar para o público americano que a manutenção do acesso às fontes petrolíferas do Golfo Pérsico era uma condição *sine qua non* para garantir o crescimento econômico e a posição de liderança mundial dos EUA. O Presidente Bush fez uma declaração ao povo americano em que reconhecia a dependência americana com relação às fontes energéticas do Golfo, "nosso país agora importa aproximadamente metade do petróleo que consome, o que pode representar uma grande ameaça à nossa independência econômica". (KLARE, 2002, p. 34) O

petróleo era a principal matriz energética para a sustentação das economias industrializadas, e os EUA sabiam do perigo que um choque, como o de 1973, traria para a economia americana, desta forma não estavam dispostos a permitir uma interrupção no suprimento de petróleo do Golfo Pérsico.

Todavia, grande parte do público americano não aceitou bem uma justificativa estritamente econômica para legitimar um confronto armado. Grupos pacifistas americanos tinham "*No Blood for Oil*" como palavra de ordem, motivando a administração Bush a procurar outras justificativas para a participação no conflito do Golfo Pérsico. No entanto, "apesar dele (Presidente Bush) não enfatizar este ponto, ele interveio para manter baixos os preços do petróleo. Esta era uma causa necessária, mas não uma causa nobre". (AMBROSE, 1993, p.386)

Com a recusa do público americano em sustentar uma guerra por petróleo, outras justificativas foram incluídas para legitimar a posição americana. O histórico de abusos aos direitos humanos de Saddam Hussein, assim como os potenciais de desenvolvimento de armas nucleares e de armas de destruição em massa pelo Iraque foram invocados por Bush. Adicionalmente, a defesa da soberania e o repúdio ao ataque unilateral também foram utilizados como justificativas para a ação americana no Golfo Pérsico.

Por outro lado, Saddam Hussein permaneceu em posição desafiadora durante os meses que se seguiram. O líder iraquiano manteve-se alheio aos inúmeros apelos da Comunidade Internacional para a retirada das frotas do Kuwait. Saddam Hussein ignorou as Resoluções da ONU e da Liga Árabe, as sanções ao Iraque, o embargo econômico ao petróleo, e até mesmo a ameaça do uso da força dos EUA. Depois de anexar o Kuwait, ele fechou as embaixadas da cidade do Kuwait e deslocou suas tropas em posição defensiva para a fronteira com a Arábia Saudita. Saddam Hussein manteve milhares de americanos e europeus como reféns e declarou que estaria disposto a utilizá-los como escudo humano contra o ataque americano. Finalmente, Saddam Hussein declarou que aquela seria a 'mãe de todas as batalhas'. (Op.Cit., p. 387)

Bush permaneceu tão obstinado quanto Saddam Hussein e para garantir o apoio interno ao uso da força contra o Iraque, o Presidente americano começou a comparar Saddam Hussein a Hitler. Segundo Stephen Ambrose, a comparação foi uma maneira brilhante de defender o conflito armado contra o líder iraquiano,

uma vez que não se poderia negociar com Hitler. Porém, tal tentativa de convencimento do público americano gerou a expectativa de uma rendição incondicional do Iraque. Ao comparar Hussein com Hitler, o público americano acreditou que o governo americano se responsabilizaria pelo Iraque e implementaria "um Estado seguro governado por um homem escolhido pelo povo". (Op.Cit.) Mas, a administração Bush não estava interessada em ocupar Bagdá, seu interesse era retirar as tropas iraquianas do Kuwait e destruir as capacidades militares do Iraque, garantindo a manutenção dos *interesses nacionais vitais* americanos na região.

A prática do *pluralismo geopolítico* pelo governo americano não previa a ocupação territorial dos Estados da região, e sim impedir a formação de uma potência regional que pudesse monopolizar as fontes petrolíferas do Golfo Pérsico. Para impedir a formação de um hegemôn na região, os EUA enviariam ajuda econômica, diplomática e até militar para os Estados amigos dos EUA no Golfo, mantendo a balança de poder na região equilibrada. Os EUA não tinham a autorização do Congresso Nacional ou do Conselho de Segurança da ONU para invadir e tomar o Iraque. Tal iniciativa representaria um grande risco político e um elevado custo econômico que os EUA, depois de 40 anos de Guerra Fria e do fracasso do Vietnã, não queriam incorrer.

O legado do Vietnã deixou a população americana resistente em enviar tropas de jovens americanos para lutar distante de suas casas, numa guerra com causas duvidosas. A administração Bush sabia que se fosse para guerra deveria ser diferente do Vietnã. Em 30 de outubro de 1990, Bush ordenou o envio de mais tropas para o Golfo Pérsico, dobrando o número de soldados que passou de 250.000 para 550.000. O deslocamento militar foi maior que o do Vietnã, e não foi feito com propósitos defensivos e sim com o objetivo de retirar as forças iraquianas do Kuwait e destruir as capacidades militares iraquianas.

O reforço da operação Tempestade do Deserto indicava que haveria guerra, o que gerou críticas ao governo americano tanto dos conservadores quanto dos liberais. Os críticos perguntavam "se os interesses vitais americanos estavam sendo ameaçados". (Op.Cit., p.389) O governo respondeu que sim, e o Secretário Cheney sugeriu que o Iraque estaria construindo uma bomba nuclear. A administração Bush insistiu na iminência do perigo nuclear e declarou que em meses ou talvez em semanas o Iraque conseguiria completar o artefato, "se a

administração Bush exagerou na iminência da ameaça nuclear do Iraque para forçar uma ação, o Presidente obteve êxito". (Op.Cit)

Em novembro, os EUA pediram ao Conselho de Segurança que dessem um prazo para a retirada iraquiana do Kuwait. Desde Agosto de 1990, uma série de Resoluções do Conselho de Segurança e da Liga Árabe foram tomadas, mas a Resolução 678, de 29 de novembro, deu um ultimato a Saddam Hussein. O Iraque teria até 15 de Janeiro de 1991 para se retirar completamente do Kuwait, caso contrário, seriam utilizados todos os meios necessários para que se fizesse cumprir as Resoluções da ONU, o que significava dizer a autorização do uso da força contra as tropas iraquianas.

Com a aproximação do prazo dado pela ONU, Bush e Saddam Hussein foram pressionados para iniciar uma negociação, e depois do ultimato do Conselho de Segurança, Bush iniciou uma negociação direta com o Iraque. Em 1º de dezembro, Saddam Hussein aceitou as negociações, mas insistia que a questão Palestina entrasse na agenda, além disso, o líder iraquiano declarou que estava muito ocupado e só poderia receber o Secretário Baker depois de 12 de Janeiro. Bush não aceitou as condições e nenhum encontro aconteceu entre as duas partes. A França também levou uma proposta de paz em que o Iraque sairia do Kuwait e Israel sairia do *West Bank* e de Gaza, esta proposta também foi rejeitada por Baker que, em 6 de Janeiro, afirmou que não iria envolver Israel no conflito.

Dois dias depois, Bush pediu ao Congresso que aprovasse o uso da força contra o Iraque, caso Saddam Hussein não saísse do Kuwait até 15 de janeiro. Em 12 de janeiro, o Congresso aprovou o uso da força contra o Iraque. O Presidente Bush foi cuidadoso para implementar seu ataque no Golfo, primeiro o Presidente conseguiu o apoio internacional numa possível ofensiva contra o Iraque, depois ele manteve os Estados árabes unidos, consultou o Congresso antes de iniciar o conflito, construiu uma força gigantesca no deserto, e só depois conduziu a guerra militarmente. (Op.Cit., p. 392)

A operação militar conduzida pela coalizão internacional, chamada de Operação Tempestade do Deserto, iniciou o combate contra o Iraque em 17 de janeiro de 1991. A força multinacional era formada por soldados de 34 países, sendo que 74% dos soldados da coalizão eram americanos. O ataque ao Iraque foi violento, bombas de guerra, chamadas de "bombas inteligentes", destruíram o palácio presidencial, o aeroporto, as refinarias de petróleo, os reatores nucleares e



as plantas elétricas de Bagdá. Ao mesmo tempo, os B-52 americanos destruíam as bombas convencionais das tropas da Guarda Republicana de Saddam Hussein ao longo da fronteira do Kuwait com a Arábia Saudita. A marinha americana atirou mais de 100 mísseis em alvos no Iraque. (Op.Cit)

Saddam Hussein respondeu utilizando mísseis *Scud* terra a terra, armados com bombas convencionais. Saddam Hussein bombardeou alvos em Israel e mandou um *Scud* contra a base americana em Dhahran, na Arábia Saudita. No entanto, Israel não respondeu ao ataque iraquiano e manteve sua ajuda às forças de coalizão. Nas seis semanas seguintes, as forças da coalizão destruíram a força aérea iraquiana, a defesa iraquiana não se mostrou efetiva. Sem nenhuma oposição, as forças da coalizão destruíram grande parte de Bagdá através da força aérea e renderam o exército iraquiano. No entanto, Saddam Hussein não desistia e continuou atirando mísseis *Scud* contra a coalizão. Ele também derramou o petróleo de cinco tanques do Kuwait no Golfo Pérsico, deixando a maior mancha de óleo em águas da história, tal mancha continha estimadamente 450 milhões de galões de petróleo. (Op.Cit)

Os ataques contra Israel não surtiram o efeito que Saddam Hussein esperava, já que os Estados árabes não foram apoiar o Iraque. Deste modo, sem o apoio árabe, sem força aérea e com um exército abatido, o Iraque foi obrigado a ceder. Em 15 de fevereiro, Saddam Hussein anunciou que estava disposto a retirar suas tropas do Kuwait, mas com a condição da retirada das 12 Resoluções da ONU que passaram em 1990. Tais Resoluções incluíam reparações de guerra e a visita de inspetores da ONU ao Iraque para verificar se o Iraque possuía armas de destruição em massa.

Os EUA não aceitaram a proposta de paz iraquiana. Em vista da recusa americana, Saddam Hussein enviou seu Ministro das Relações Exteriores para Moscou tentando envolver Gorbachev nas negociações. Moscou ofereceu a seguinte proposta de paz: a retirada completa do Iraque do território do Kuwait em três semanas e a rescisão das 12 Resoluções da ONU contra o Iraque. Bush declarou que aquele plano era inaceitável e alertou Saddam Hussein que se ele não retirasse suas forças até o dia 23 de fevereiro, o general Schwarzkopf iria iniciar um ataque em terra. No dia 24 de fevereiro, o general preparou o ataque para o próximo dia, deste modo, em 25 de fevereiro, Saddam Hussein deu a ordem de retirada do Kuwait.

Bush respondeu que a força de coalizão "continuará a guerra, sem diminuir a intensidade" (Op.Cit., p. 395) porque o Iraque não havia aceitado as Resoluções da ONU. Em resposta, Saddam Hussein mandou que as tropas iraquianas colocassem fogo nos poços de petróleo do Kuwait. Para a surpresa de todos, no entanto, em 27 de fevereiro, Bush declarou que "o exército iraquiano foi derrotado, e o Kuwait foi libertado", (Op.Cit.) anunciando que a coalizão iria cessar as hostilidades imediatamente. O número de mortos do Iraque foi de dezenas de milhares enquanto que as perdas humanas da coalizão foram de apenas dezenas. A 'mãe de todas as batalhas' nunca aconteceu e a força de coalizão destruiu o exército iraquiano em 100 horas.

#### 4.3.4.

#### **A causalidade geográfica na história universal: O Golfo e os Balcãs**

A invasão do Iraque ao Kuwait e a ameaça de invasão à Arábia Saudita colocou em cheque a estabilidade do suprimento energético mundial. A resposta do Presidente americano, George Bush, à crise no Golfo Pérsico foi imediata. Um dia após a invasão iraquiana, Bush condenou o Iraque e convidou os demais líderes mundiais a se unirem numa ação contra Saddam Hussein. O fim da Guerra Fria permitiu que, pela primeira vez, EUA e URSS atuassem juntos. O Secretário americano Baker e o Ministro de Relações Exteriores soviético Eduard Shevardnadze decidiram fazer um embargo de armas ao Iraque devido à "brutal e ilegal invasão do Kuwait". (AMBROSE, 1993, p. 382) Pelo fato de americanos e soviéticos estarem juntos nesta ação foi possível ao Conselho de Segurança da ONU atuar de forma eficiente, uma vez que não havia mais a rivalidade entre os superpoderes para impedir uma ação efetiva do Conselho:

*"Esta ação marcou um potencial ponto de inflexão na história mundial, o ponto no qual a ONU finalmente começou a realizar seu potencial e corresponder às esperanças dos seus fundadores. A razão mais importante para a relativa falha da ONU, durante a Guerra Fria, tinha sido as hostilidades dos superpoderes. Com o fim deste fator, a ONU era capaz de ser diferente". (Op.Cit., p. 383)*

A crise do Golfo anunciou as mudanças na política internacional que o fim da Guerra Fria ocasionaria. A mais importante delas era, sem dúvida, a prova de que as Nações Unidas, e principalmente o Conselho de Segurança poderiam desempenhar um papel decisivo nas futuras crises internacionais, e que EUA e a União Soviética poderiam participar do mesmo lado do conflito. As relações

amistosas entre Moscou e Washington conseqüentes ao fim da Guerra Fria permitiram que os EUA participassem de uma operação militar no Golfo Pérsico, sem temer uma possível participação da URSS. Deste modo, os EUA poderiam lutar pelos seus *interesses nacionais vitais* na região do Golfo, sem temer a escalada do conflito para uma guerra nuclear ou uma Terceira Guerra Mundial. Segundo Michael Mandelbaum (1990/91, p. 11), "esta seria uma enorme vantagem militar para os EUA".

A estrutura mundial do pós Guerra Fria gerou uma série de conflitos localizados decorrentes da formação de novos Estados nacionais. Disputas de fronteiras, de etnias e de religiões começaram a aparecer em diversas regiões, principalmente nos antigos Estados que compunham a cortina de ferro soviética. A guerra civil da Iugoslávia foi um dos conflitos que surgiram devido a esta nova estrutura, as diferenças raciais, étnicas e religiosas já faziam parte da Iugoslávia há muitos séculos, no entanto, a queda da URSS fez renascer estes conflitos. A guerra começou em 1991 e gerou o maior número de mortos numa guerra na Europa, desde a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, o ataque da Sérvia contra a Croácia e a Bósnia não contou com a participação ativa dos EUA como a guerra no Golfo contou. (AMBROSE, 1993, p. 384)

As Nações Unidas chegaram a impor sanções contra a Sérvia, mas sem o apoio e o uso da força dos EUA, única superpotência mundial, foi difícil para a ONU resolver o conflito nos Bálcãs. Em 1992, a ONU mandou uma força de paz para garantir um cessar fogo sérvio, porém, a força da ONU era muito pequena para assegurar o fim do conflito. Sem o apoio americano, a ONU não era capaz de fazer com a Sérvia o que conseguiu fazer no caso da invasão iraquiana.

A importância estratégica da Iugoslávia para os EUA na Guerra Fria não existia mais em 1991, deste modo, os EUA declararam que a crise na Iugoslávia era um problema da Europa, e não americano. Da mesma forma, a Rússia se limitou em condenar a Sérvia e impor sanções econômicas, todavia, também não estava disposta a começar uma ação direta na Iugoslávia. Apesar desta crise ter ocorrido apenas um ano após a crise no Golfo Pérsico, a participação da ONU, da Rússia e, principalmente, dos EUA, foi muito aquém daquela esperada pela Comunidade Internacional, em vista da ação contra o Iraque um ano antes. Deste modo, como poderia se justificar a diferença no tratamento dado pelo governo americano, nas duas crises em questão?

Segundo Stephen Ambrose, ambos, Saddam Hussein e Marshal Tito estavam confiantes que o poder para destruir dos EUA e da antiga URSS, não era o poder para controlar.<sup>35</sup> Deste modo, Sérvia e Iraque duvidaram que os EUA fossem iniciar um contra-ataque militar, "um estava certo, o outro errado". (Op.Cit., p. 385) A Iugoslávia não tinha mais importância para a geopolítica americana, mas o Iraque tinha uma importância crescente.<sup>36</sup> A Iugoslávia não possuía muita participação na economia internacional, não era uma rota importante para o comércio internacional, e é claro, não possuía reservas significativas de petróleo em seu território.

Michael Mandelbaum, referindo-se à administração Bush, afirmou que o "petróleo é um recurso valioso e único que faz o Golfo Pérsico ser a única parte do terceiro mundo onde os interesses ocidentais são grandes o suficiente para justificar uma grande guerra". (MANDELBAUM, 1990/91, p. 11) Somente a ameaça de invasão da Arábia Saudita pelo Iraque fez o preço do barril de petróleo superar US\$ 40 p/b, dobrando o preço anterior. (ERNANI, 2004) De fato, os EUA só intervieram na invasão iraquiana devido as abundantes fontes de petróleo da região do Golfo Pérsico. Neste sentido, a história da Guerra do Golfo derivou diretamente da presença geográfica do petróleo no território do Kuwait. Devido à *causalidade geográfica na história universal* pode-se compreender a participação ativa dos EUA no conflito entre Iraque e Kuwait, enquanto que a crise na Iugoslávia, por ter acontecido numa região que não apresentava importância geopolítica para os *interesses nacionais vitais* americanos, não contou com a participação dos EUA.

Portanto, a resposta para as diferentes ações empreendidas pelos EUA nos Balcãs e no Golfo Pérsico encontrava-se na geografia. O fato de o Golfo Pérsico apresentar cerca de 62% das reservas mundiais de petróleo em seu território motivou a participação americana contra o Iraque. A intervenção americana foi decisiva para a libertação do Kuwait e demonstrou que o interesse americano nas fontes de suprimento energético do Golfo Pérsico era decisivo para a história da região.

---

<sup>35</sup> O autor explica que com menos de um por cento do arsenal atômico dos EUA e da antiga URSS, era possível fazer desaparecer em um segundo Bagdá ou Belgrado. AMBROSE, 1993, p. 385.

<sup>36</sup> Apesar da pouca participação dos EUA na Guerra civil da Iugoslávia em 1991, alguns anos mais tarde, em 1991, os EUA, através das forças de paz da OTAN, tiveram uma participação decisiva para conter os ataques sérvios, liderados por Slobodan Milosevic, contra a província de Kosovo.

#### 4.4 Pós Guerra

A decisão de terminar o conflito com o Iraque em 27 de fevereiro de 1991 do Presidente Bush foi uma surpresa, uma vez que o "caminho estava livre" para que as forças de coalizão chegassem até Bagdá, fizessem Saddam Hussein prisioneiro e estabelecessem um novo governo. Mas Bush não tinha a intenção de assumir esta responsabilidade e correr tantos riscos. A ocupação de um país ocasionaria a morte de muitos soldados, e poderia levar semanas, ou mesmo meses para se completar. Já a Operação Tempestade do Deserto conseguiu em 100 horas derrotar a força iraquiana no Kuwait e destruir o poderio militar do Iraque, com apenas 79 americanos mortos e 213 feridos. (AMBROSE, 1993, p. 395) A determinação do Presidente Bush de libertar o Kuwait da invasão iraquiana tinha o objetivo de manter o *interesse nacional vital* dos EUA na região do Golfo Pérsico, mas não significava uma igual determinação para reestruturar o Oriente Médio depois da vitória contra o Iraque.

Segundo Martin Indyk (1991/92, p. 73), a decisão de manter Saddam Hussein no poder foi tomada antes do fim da guerra, e a administração Bush teria ao menos cinco motivos para justificar tal decisão. A primeira e mais simples razão era o fato dos EUA não terem o mandato da ONU para a retirada do poder de Saddam Hussein, assim, caso os EUA avançassem até Bagdá os demais líderes árabes poderiam não mais apoiar a coalizão. Depois, os EUA tinham medo de uma desintegração do Estado iraquiano devido às revoltas curdas e xiitas que se seguiriam à guerra, uma desintegração do Iraque geraria uma grande instabilidade no Golfo Pérsico, desequilibrando a balança de poder e forçando os EUA a intervirem novamente. Os governos americano e saudita foram alertados pelo serviço de inteligência que brigadas bem treinadas iranianas, já tinham cruzado a fronteira no sul do Iraque para ajudar numa revolta xiita. Para a estratégia americana do *pluralismo geopolítico*, a vitória xiita no Iraque deveria ser evitada, uma vez que significaria um aumento de poder para o Irã e para as lideranças Islâmicas antiocidentais.

O terceiro motivo era o fato da administração Bush não ter nenhuma intenção em assumir a responsabilidade de governar o Iraque, principalmente após a experiência no Líbano, aonde "uma força de libertação bem vinda, se tornou

rapidamente em um odiado exército de ocupação". (Op.Cit.) O quarto motivo era a preocupação do governo americano com relação à pressão que o Presidente soviético, Michael Gorbachev, estava sofrendo por parte dos políticos 'linha dura' da URSS. Parte dos políticos soviéticos, apresentavam reservas com relação à aquiescência de Gorbachev ao ataque contra o Iraque, um antigo aliado da URSS. O Presidente Bush temia que uma invasão americana ao território iraquiano pudesse dar a justificativa necessária para os oponentes de Gorbachev o retirarem do poder.

Finalmente, os EUA acreditavam que poderiam manter seu *interesse nacional vital* na região, mesmo com a manutenção do partido Baat no poder, uma vez que o Iraque não tinha mais a capacidade militar de ameaçar os Estados vizinhos. O governo americano acreditava que Saddam Hussein não permaneceria no poder devido a forças internas contrárias ao seu governo, "Bush, e virtualmente todo mundo, antecipou que ou os líderes militares do Iraque humilhados iriam derrubar Hussein, ou o povo iria se revoltar contra ele. De fato, Bush encorajou o povo iraquiano a fazer exatamente isso". (AMBROSE, 1993, p. 395) No entanto, o exército do Iraque não depôs Saddam Hussein, e em quatro semanas ele conseguiu retomar o apoio sunita, reagrupar as forças armadas e massacrar a revolta xiita no sul e a rebelião dos curdos no norte iraquiano.

Os curdos reivindicavam um Estado próprio que incluiria partes do Irã, da Turquia e da União Soviética, enquanto que os xiitas queriam se unir com o Irã. Estas aspirações não eram bem vindas para os EUA que temiam um Curdistão independente, um fortalecimento do Irã e um vácuo de poder no Iraque. Deste modo, "a coalizão liderada pelos EUA que correu em defesa do Kuwait, assistiu os helicópteros armados e a artilharia iraquiana devastarem os rebeldes". (Op.Cit., p. 396) A decisão da administração Bush de permitir que o exército iraquiano utilizasse o poder aéreo ofensivo contra os rebeldes foi tomada como um sinal da indiferença americana com relação ao futuro massacre. (INDYK, 1991/92, p. 73) A ONU manteve o embargo ao petróleo iraquiano, algumas sanções econômicas e os EUA ajudaram a estabelecer campos de refugiados curdos<sup>37</sup> nos países da Europa, mas nenhuma ação militar foi tomada para evitar o ataque comandado por Saddam Hussein contra a população iraquiana.

---

<sup>37</sup> Aproximadamente dois milhões de curdos tiveram que deixar o Iraque por perseguições e se tornaram refugiados. AMBROSE, 1993, p. 396.

Em fevereiro de 1991, a população americana estava exultante diante da conquista americana no deserto. Existia um sentimento de orgulho e unidade no país, o Presidente Bush declarou: "O fantasma do Vietnã tinha sido queimado para sempre nas areias do deserto da Península Arábica" e "Por Deus, nós jogamos fora à síndrome do Vietnã de uma vez por todas". Porém, um ano depois da ação no Golfo Pérsico, os críticos da administração Bush começaram a debater o papel americano num mundo pós Guerra Fria. O sucesso da Operação Tempestade do Deserto no Golfo Pérsico e a indiferença diante da agressão da Sérvia contra a Croácia e a Bósnia indicavam que os EUA estavam dispostos a intervir "rapidamente, e decisivamente para conter a agressão quando esta for dirigida contra um Estado rico em petróleo, caso contrário, não". (AMBROSE, 1993, p. 397)

A omissão americana com relação ao massacre conduzido por Saddam Hussein contra curdos e xiitas no Iraque, demonstrou mais uma vez que a intervenção no Golfo não tinha nenhuma motivação humanitária, em ajudar o Kuwait contra "a invasão vil e brutal" do Iraque. Na realidade, a participação americana tinha o único objetivo de atender seu próprio *interesse nacional vital* na região que era evitar que o Iraque se tornasse um líder regional e exercesse um poder de monopólio junto às fontes de abastecimento de petróleo do Ocidente.

#### **4.5 Conclusão**

A Guerra do Golfo foi um conflito militar marcado por muitas "estréias". Foi a primeira guerra depois do fim da Guerra Fria, a primeira vez que uma força de coalizão da ONU enfrentou militarmente uma "ameaça comum", foi a primeira vez que EUA e a antiga URSS lutaram juntas e a primeira vez que os EUA iniciaram um conflito armado contra um Estado do Golfo Pérsico. Segundo Klare e Moutinho dos Santos, esta foi a primeira guerra por recursos da história, ou mais especificamente, a primeira guerra para garantir o suprimento de petróleo das economias industrializadas.

Devido à *causalidade geográfica na história universal* foi possível compreender a diferença na ação americana frente à crise do Golfo e a crise dos Balcãs. Ambas as crises se inseriram num contexto de pós Guerra Fria, no entanto, a participação americana na crise do Golfo demonstrou que os EUA

estariam dispostos a intervir militarmente quando um de seus *interesses nacionais vitais estivesse* ameaçado, caso contrário, não. Como a Iugoslávia não apresentava importância geopolítica para os EUA, a administração Bush ignorou os atentados aos direitos humanos cometidos nesta região. Por outro lado, o constrangimento geográfico que assegurou à região do Golfo Pérsico a posse de abundantes fontes de petróleo foi o responsável pela participação americana contra a invasão iraquiana ao Kuwait.

A anexação do Estado vizinho significaria para o Iraque o controle de 20% das reservas mundiais de petróleo. (KLARE, 2002, p. 63) Saddam Hussein teria um poder de monopólio sobre as reservas de petróleo comparável com o da Arábia Saudita que detinha 22% das reservas mundiais. Caso o Iraque conseguisse tomar definitivamente o Kuwait, a situação ainda poderia ficar pior, caso Saddam Hussein resolvesse anexar seu outro vizinho do Golfo, a Arábia Saudita. A anexação destes dois Estados garantiria ao Iraque o controle de quase 50% das reservas internacionais de petróleo, o que daria a Saddam Hussein um poder de monopólio decisivo sobre os mercados internacionais petrolíferos.

Este fortalecimento do Iraque ameaçava um dos *interesses nacionais vitais* americano que era o de impedir a formação de um hegemon local no Golfo Pérsico, e desta forma, assegurar o acesso às fontes de abastecimento de petróleo da região. Deste modo, para garantir seus interesses na região, os EUA decidiram combater Saddam Hussein impedindo que ele anexasse definitivamente o Kuwait e suas reservas petrolíferas. É importante destacar que o Iraque era aliado americano na região do Golfo desde a Guerra Irã-Iraque e que a própria administração Bush antes da Guerra do Golfo chegou a enviar para Saddam Hussein US\$ 5,5 bilhões em empréstimos. (AMBROSE, 1993, p. 382) Esta aparente contradição de atacar um antigo aliado americano que chegou a receber empréstimos e ajuda militar dos EUA, fazia parte da estratégia geopolítica americana.

Como explicado no capítulo 1, a estratégia do *pluralismo geopolítico* tinha como principal objetivo manter o equilíbrio na balança de poder dos Estados do Golfo Pérsico. Para tal, os EUA deveriam apoiar, inclusive com o uso da força, o(s) Estado(s) do Golfo que estivesse(m) sendo ameaçado(s). Deste modo, na década de 80 os EUA decidiram apoiar o Iraque em vista da ameaça de expansão do Irã nos demais Estados do *coração energético mundial*. No entanto, como na



década de 90 foi o Iraque que iniciou uma política expansionista na região, os EUA apoiaram o Kuwait e a Arábia Saudita. Em 7 de Agosto, o Presidente Bush falou à nação: "a independência soberana da Arábia Saudita é um interesse vital para os EUA". (KLARE, 2002, p. 34)

Deste modo, a Guerra do Golfo foi muito importante para a compreensão da opção geopolítica americana para a região do Golfo Pérsico. Ela fortaleceu a posição americana de manter seu *interesse nacional vital* na região do Golfo, ainda que através do conflito armado. A decisão americana de atacar o Iraque em 1990 foi justificada pela ‘Doutrina Carter’<sup>38</sup> que asseverava que qualquer poder hostil que tentasse interromper o suprimento de petróleo do Golfo Pérsico seria "repreendido por todos os meios necessários inclusive com o uso da força militar". (Op.Cit.) Quando Bush declarou que a independência econômica dos EUA seria ameaçada caso o suprimento de petróleo do Golfo Pérsico fosse interrompido, ele retomou a ‘Doutrina Carter’ e a confirmou, demonstrando que os EUA estavam dispostos a utilizar qualquer meio para defender seu *interesse nacional vital* na região, "vamos permanecer preparados para defender os interesses vitais dos EUA na região\_ unilateralmente se necessário". (Op.Cit., p. 62)

---

<sup>38</sup> Como foi visto no capítulo 2, a "Doutrina Carter" foi invocada pela primeira vez pelo Presidente Carter em vista da ameaça de interrupção no suprimento energético do Golfo Pérsico ocasionada pela Guerra Irã-Iraque (1980-1988). KLARE, 2002, p. 33.